

Palavras - chave:
História Local. Memória.
Lavoura de Café. Geada de
1975.

Resumo: Esta pesquisa se dispõe a analisar os efeitos da Geada Negra de 1975 para os camponeses de São Pedro do Ivaí, tendo como objetivo a percepção de como os trabalhadores superaram esse fator climático. Ao longo da pesquisa verificou-se que o evento da geada de 1975 acabou impulsionando alguns camponeses a buscar novas alternativas de cultivos. É em Michel de Certeau (1990) que buscou-se estabelecer uma relação para melhor compreender as ações dos camponeses para lidar com tal situação. O uso de periódicos que consideramos de circulação significativa, como o Jornal Folha de Londrina e o Jornal Tribuna da Cidade, nos oferece um contraponto para que se estabelecesse uma relação entre o ocorrido e os depoimentos que auxiliaram na construção desse trabalho. Verificou-se que a lavoura do café colaborou para a formação do município de São Pedro do Ivaí. Na escolha metodológica, apoiou-se em François Hartog (2013), que trabalha sobre como articular passado, presente e futuro, além das discussões realizadas acerca da história local e sua importância, que são discutidas na pesquisa através da obra de Luiz Fernando Cerri (2013). Não menos importante na pesquisa é a obra de Renée Barata Zicman (1981), sobre o papel da imprensa. O recorte temporal trabalhado é o período de 1975 a 1985.

OS EFEITOS DA GEADA NEGRA DE 1975 PARA OS TRABALHADORES DA LAVOURA DE CAFÉ DE SÃO PEDRO DO IVAÍ - PARANÁ.

Eliane Ap. Miranda¹
Helena Ragusa²

INTRODUÇÃO

O café faz parte da história do município de São Pedro do Ivaí, localizado no noroeste do Paraná e que conta hoje com um número de 10.167 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010, p. 14). O cultivo do café está ligado direta e indiretamente à vida dos moradores que se dedicaram às lavouras cafeeiras por dez anos, entre 1975 e 1985.

No que tange a história local entende-se que, conforme Luiz Fernando Cerri (2013, p. 33):

[...] A História regional no Brasil vem sendo considerada como uma história de circunscrição de cada cidade, uma história sobre tudo municipal. [...] Entendemos o estudo da História local, dialeticamente, como uma busca do particular e do diferente, daquilo que diverge e relativiza histórias e identidades mais amplas (como a nacional), simultaneamente com a demanda da universalidade humana naquilo que aparentemente é particular.

Através deste estudo, observa-se o quanto a história local é importante e como a identidade de cada depoente contribuiu para a formação do município: cada entrevistado relatando sobre como foi esse período da história de São Pedro do Ivaí, o que significou para essas famílias desbravar as terras dessa localidade que era só mata fechada, e acima de tudo, as memórias e relatos particulares de cada indivíduo, que mantêm os pontos comuns relativos ao modo de vida e o sistema de trabalho empregado no cultivo da lavoura cafeeira no município naquele momento.

Para Le Goff (1990, p. 368), “[...] o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento”. Desta maneira as memórias dos depoentes são importantes para a formação desta pesquisa, pois conhece-se assim as transformações que a população sâo-pedrense viveu. O cultivo do café teve início no ano de 1949 em São Pedro do Ivaí devido ao sucesso que o café teve no norte do Paraná. “[...] O avanço por novas regiões pioneiras do Norte do Paraná justifica a ampliação da área plantada e também do número de propriedades incluídas na economia cafeeira” (OLIVEIRA, 2009, p. 6). Assim despertou o interesse de outras famílias a fixarem moradia em São Pedro do Ivaí. Como foi o caso da depoente 1, que rememora que morava na Bahia e quando veio a São Pedro do Ivaí já estava casada e “[...] na região só era café” (DEPOENTE 1 – Anatividade de Andrade).

O depoente 2 relata “[...] que nós viemos com essa força de lá que paramos aqui, porque era muito fluente o café na época” (DEPOENTE 2 – João Bonini). Este depoente é descendente de italianos e chegou ao município aos 16 anos,

¹ Graduada em História pela Uepg. E-mail: mirandagsantos@gmail.com

² Orientadora. Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Londrina - Paraná.

quando seu pai veio para essa localidade com esposa e filhos em busca de melhoria de vida. Conforme relato deste trabalhador, as terras eram muito boas: [...] tudo que plantava dava, porque o trabalho naquela época era *plantá, ruá e colhê!* (DEPOENTE 2). Oliveira (2009, p. 1) reforça a fala dos depoentes em relação à qualidade das terras quando diz que, [...] no Paraná, além dos fatores já mencionados, contribuíram também para o desenvolvimento da economia cafeeira, a terra de boa qualidade (OLIVEIRA, 2009, p. 6).

Esses indivíduos vieram ao município interessados no cultivo da lavoura cafeeira devido à qualidade das terras. O depoente 3 é gaúcho descendente de italianos e chegou em São Pedro do Ivaí em 1972 com esposa e filhos pequenos para cultivar a hortelã. Em 1973 iniciaram o cultivo do café. Quando aconteceu a geada em 1975 esse trabalhador estava no início do cultivo da lavoura e devido a isso ele relata [...] veio a geada e matô tudo, foi um ano difícil! (DEPOENTE 3).

O depoente 4, também descendente de italianos, nasceu em São Pedro do Ivaí e cresceu cultivando o café, acompanhando desde cedo o trabalho difícil de lidar com essa lavoura, cujo processo era todo manual. Luis Fernando Cerri (2013, p. 31) coloca que “[...] a identidade sempre foi uma questão central para o ser humano”. Assim, a identidade de nossos depoentes soma para a formação do município sendo que o mesmo recebeu, em seu início, uma variedade de etnias que estiveram presente nesse processo (RAINATO, 1997, p. 9). Contrapondo os relatos dos depoentes com documentos cedidos pela Prefeitura Municipal e bibliografia local, percebe-se que o município foi se formando com os cafezais (PREFEITURA MUNICIPAL, 1987 s.p.).

A pesquisa em questão tem como objetivo analisar quais as alterações ocorridas na vida dos trabalhadores da lavoura de café de São Pedro do Ivaí e conhecer o modo de vida dos camponeses da lavoura cafeeira que foram afetados pela geada de 1975. Visa-se também analisar as alterações na forma de trabalho e de vida que esses indivíduos sofreram. Ao realizar essa pesquisa, percebeu-se a importância das entrevistas dos depoentes, pois afinal, [...] a história oral desempenha, portanto, antes de mais nada, o comprovado papel de construção das fontes (LAVERDI, 2012, p. 254).

O trabalho está dividido em três subitens, sendo o primeiro sobre a história de São Pedro do Ivaí e sua relação com o café, pensando a história local como

algo que pode ter o papel de ajustadora superficial de conflitos (CERRI, 2013, p. 36), bem como a influência que a região sofreu a partir da vinda de outros agentes que nela foram se estabelecer, tendo em vista que Stuart Hall (2003, p. 15) afirma que [...] o jogo da diferença, a differance, a natureza intrinsecamente hibridizada de toda identidade e das identidades diáspóricas em especial. Logo depois, procura-se compreender de que maneira a Geada de 1975 afetou a vida dos trabalhadores do município de São Pedro do Ivaí, Paraná e como as autoridades locais e os produtores de café lidaram com esta situação. Considerou-se também que, com relação à imprensa, deve-se entender sua importância para levar à informação a população, mas a observando com censo crítico. Para Alexandre Alves (2007, p. 37).

[...] O jornal, impresso ou televisionado, é um produto que vende um serviço, a informação, comprada pelos leitores. Assim, muitos pagaram pelo jornal impresso para saberem o que se passava nos seus mundos. Outros sofreram com o que estava impresso no jornal, mesmo que no dia seguinte este tenha virado simples papel de embrulho de peixe nas feiras.

Apesar da intensidade da Geada de 1975, comparando com as fontes orais percebeu-se que os jornais simplesmente descreveram o fato ocorrido e posteriormente suas consequências. “[...] Não sobrou um único pé de café no Paraná” (JORNAL FOLHA DE LONDRINA, 1975, p.4).

A HISTÓRIA DE SÃO PEDRO DO IVAÍ E SUA RELAÇÃO COM O CAFÉ.

No ano de 1948 chegaram a estas terras de São Pedro do Ivaí as primeiras famílias vindas de Ibirapuã, Nova Fátima, Joaquim Távora e outras cidades do Paraná e São Paulo. Já com um pequeno povoado, começaram surgir novas famílias procedentes de Minas Gerais, Pernambuco e outros estados (RAINATO, 1997, p. 9). O Coronel Gabriel Jorge Franco foi o primeiro a lotear quadras para o projeto de urbanização e também deu o primeiro nome a localidade, que passou a se chamar “Cidade do Ivaí”.

O Coronel Gabriel Jorge Franco vendeu todos os lotes para seu filho Afonso Junqueira Franco, que aumentou as quadras e iniciou a venda das datas. Para conseguir comercializá-las, Junqueira fez uma promoção: cada comprador que construísse uma casa de madeira até Dezembro de 1950 ganharia 500 cruzeiros (velhos). Dessa maneira vieram muitas famílias

à localidade. Entre essas famílias que chegaram ao município, pode-se citar o nome dos senhores João Teixeira, Antônio Pires, Pedro Moreira, Pedro Alcântara (descendente da família real), Joaquim da Silva Guimarães, Zulmíro Rosa, Manoel Juvêncio da Silva, João dos Santos, José do Pito, Valdomiro de Souza, João Ribeiro, José Maurício de Lima (idem, p.10).

Em 14 de Dezembro de 1952 foi aprovada a lei nº790, onde Jandaia do Sul foi elevada a categoria de município, passando a Cidade do Ivaí a pertencer a este município. (idem, p. 10). Nesse mesmo ano, em 3 de outubro, houve a primeira eleição para prefeito em Jandaia do Sul e o patrimônio Cidade do Ivaí concorreu com dois candidatos a vereadores, com o Sr. Miguel Carneiro sendo eleito (idem, p.11).

No decorrer do ano de 1952, o patrimônio Cidade do Ivaí passou à categoria de Distrito Judiciário pela Lei nº790 (a mesma que criou o município de Jandaia do Sul). Em 26 de novembro de 1954, foi elevado à categoria de município pela lei nº253 e, em 30 de outubro de 1955, recebeu o nome de São Pedro do Ivaí (idem, p.11).

Para Gouveia (1998, p. 4), aos poucos “[...] as matas foram dando lugar aos cafezais. E com o passar do tempo as casas de palmito, cobertas com tábuas, cederam lugar às casas de madeira e alvenaria”.

De acordo com Luiz Gonzaga Rainato

[...] A partir de então, iniciou-se a grande corrida para o desmatamento, com plantio de café iniciado por muitas famílias vindas de outros Estados e até mesmo do exterior. Em 1957 já haviam sido plantados cerca de 500 mil pés de café obtendo uma produção de 25 mil sacas. Em 1959, o número subiu para 7.500.000 pés para uma produção de 400 mil sacas (idem, ibidem).

A importância do cultivo da lavoura do café para o município de São Pedro do Ivaí é demonstrada através de dois símbolos do município: o brasão e a bandeira, que levam estampados um ramo de café. No Hino Municipal, composto pela poetisa Vera Vargas, há uma estrofe dedicada ao café, “(...) Mas entendo o valor do tesouro, Me impulsiona mais força e mais fé, Quando o sol em filetes de ouro, Tece longos rendões de café”. (PREFEITURA DE SÃO PEDRO DO IVAÍ, 1971, s.p).

Nos documentos cedidos pela prefeitura municipal, observa-se que no brasão do município e na bandeira municipal está estampado um galho de café simbolizando a base da economia de São Pedro do Ivaí na década de 1970, haja vista que o café foi um grande incentivador para que na localidade chegassem muitos pioneiros de outros estados que contribuissem

com a formação do município. Nos documentos cedidos pela Prefeitura Municipal consta que

[...] O Brasão consta dos símbolos do município: Escudo clássico, encimado pela coroa mural primitiva das municipalidades, em campo de ouro (amarelo). No escudo em campo branco, o sol significando a magnificência de seus raios sobre a natureza. No centro, a chave em campo de ouro, inclinada de sinistra para a direita lembrando o Santo Padroeiro da cidade de São Pedro do Ivaí.

Um rio atravessa recordando o Rio Ivaí, que deu origem ao primeiro nome da cidade, Cidade do Ivaí. Em campo verde, lembra as plantações agrícolas do município sua base econômica.

A insígnia do comercio e indústria é mostrada em campo de ouro, lembrando fontes econômicas da região.

Suportes: Um ramo de café e um ramo de trigo, frutados ao natural, relativos às grandes lavouras do município, que se cruzam abaixo do listal. E em campo de ouro em letras vermelhas: São Pedro do Ivaí. Abaixo da extremidades inferiores dos suportes, abaixo do listal, o slogan tradicional, “FÉ, TRABALHO E PROGRESSO” (PREFEITURA MUNICIPAL, 1971, s.p).

Com os detalhes citados se pode perceber que no brasão e na bandeira os símbolos representam os elementos que estão ligados com a formação de São Pedro do Ivaí. Embora na contemporaneidade pouco se fale sobre a cultura do cultivo do café, observa-se que a lavoura, por ter feito parte da colonização do município, foi de grande relevância para a formação do mesmo.

Para Robson Laverdi (2012, p. 26) “[...] A memória testemunho também tem seus elos vitais inseparáveis da vida social e cultural, é histórica, tem relação direta com os testemunhos”.

Dessa maneira a memória-testemunho dos deponentes que tiveram boa parte de suas vidas envolvidas com a lavoura de café corrobora para a construção dessa pesquisa, pois os indivíduos contribuem e rememoram o seu cotidiano na lavoura cafeeira e a geada de 1975.

[...] Moramô um ano ai na água do Lindóia, em 51 meu pai entro aqui, mais nois ficamos um ano em Londrina pra o meu pai pode derrubá a quadra de terra e faze a casa no meio da gaiada ele fez a casa no meio daqua paulera, corto de transado os toco nu chão, finco os toco a casa tá até hoje lá pra gentevê, né, uma casa de porão que nem eles fala, porão arto. Então ali convivemo, fomo viveno, em 52 plantamos mais um resto do café né, meu pai fez o resto da derrubada, até onde meu pai trabalhava nois tinha o sítio e tem até hoje é dai pra até no Rio Ivaí era

só mata, lá longe tinha um capãozinho. Agora em 53 foi feita a derrubada até no rio, limpo as mata, todo mundo em café, o forte mesmo da época era o café, né. (DEPOENTE 2 – João Bonini).

O depoente se refere aos atos de seu pai quando este chegou ao município de São Pedro do Ivaí para cultivar a lavoura de café. Percebe-se que o pai do depoente foi movido pelo desejo de melhorar a condição financeira para chegar até essas terras.

De acordo com Michel de Certeau (1990, p. 185) “[...] O que faz andar são relíquias de sentido e às vezes seus detritos, os restos invertidos de grandes ambições”. Conforme verificado, os depoentes entrevistados para a construção dessa pesquisa herdaram de seus pais experiências (BENJAMIN, 2010, p. 68) para desenvolverem o trabalho com a lavoura de café.

Para Walter Benjamin, as experiências eram passada aos mais jovens pelas pessoas mais velhas de uma maneira descontraída.

[...] As pessoas mais velhas passavam-na sempre aos mais novos. De forma concisa, com a autoridade da idade, nos provérbios, em termos mais prolixos e com maior loquacidade, nos contos; por vezes através de histórias de países distantes, à lareira para filhos e netos (BENJAMIN, 2010 p.68).

Assim como Benjamim nos descreve acima, observa-se que isso acontecia nas famílias dos depoentes em relação aos cuidados com a lavoura de café e os modos de cultivo deixado pelos seus avós e pais. Além do mais, desenvolver essa pesquisa nos apresenta a história construída e vivenciada a qual Marcos F. Freire Montysuma se refere.

[...] Porque antigamente não era como hoje que o cara planta café de enxadão naquele tempo as cova de café era 30 por 40, 30 de fundura e 40 de espessura, né?!. Então ponhava a semente, cobria de madeira com 45 dia ele nascia. Nasceu oreinha de onça, ai raleava as madeirinha dele em cima, ai outro vinha, pois raleava e deixava seis muda, quatro a seis, quatro a seis por cova, era plantado de três metro por quatro de espessura de rua por cova de café né? (DEPOENTE 2 – João Bonini)

Em sua fala observa-se o cuidado que era dispensado ao cultivo da lavoura de café, como também uma expressão de uma estrutura de sentimentos (LAVERDI, 2012, p. 61) quando o depoente se refere aos cuidados diários que ele e sua família tinham para que nada de errado acontecesse com a lavoura.

A lida com o café envolvia muitas pessoas, in-

cluindo mulheres. É este o caso da depoente I, que nos relata do tempo que dedicou ao café e como “era difícil” o trabalho nessa lavoura.

[...] Aqui só era café, nós num conhecia outra lavoura aqui, só era café! Aquela Barbacena ali só era café! A Tucambira só era café! A agua limpa só era café!³ As fazenda grandi que tinha aqui pur perto. tinha muita genti morano aqui oho cê vê quando nois ia coiê café na tucumbira, aqui na tucumbira qui nois ia pega, que nem o saco era puro nume quenêm o du meu marido era nume 15 a genti tinha tava de longe cê gritava, oh cê, o cê acha meu nome ai. O cê pega. Aquelas pessoas que era registrada na fazenda que tinha u contratu era contratadu na fazenda era só o chefe da casa, tivesse cinco pessoa que trabalhava na casa se tivesse seis e oito pessoa não era contadu só era aquele chefí, só cum o chefí, ai fia cê ia caça aquilo ali só era o nume que tava, só de chefí memo tinha 450 pessoa, vamô supô que cê tinha cinco fio ou seis fio, cê ta entendendo né? Só era o nome seu que tava lá dus filho, num tava, trabalhava tudo, tinha quatro, cinco, seis colonha⁴ que tinha. Cê tá entendendo?! (DEPOENTE 1 – Anatividade de Andrade).

Várias vezes a depoente me questiona se eu estou entendendo o que ela diz. Além de rememorar a maneira de trabalho, a depoente I relata que nas fazendas também havia muito divertimento, festas que reuniam todos os trabalhadores do café.

[...] Quando acabava a colheita tinha os baile de barraça, quando uma moça casava era feito a festa na frente da casa dela, tinha bastante festa na colônia, uma fogueira menina! (DEPOENTE 1 – Anatividade de Andrade).

A depoente I relembrava dos bailinhos que aconteciam nas colônias e diz com saudosismo que estes eram muito divertidos, pois a aglomeração de pessoas proporcionava essa animação.

A GEADA DE 1975

Conforme Mário Baltazar Oliveira (1975, p. 20).

[...] As intensas “geadas negras” que atingiram o Paraná modificaram de uma hora para outra toda a fisionomia do cafeicultor paranaense, que está desolado a espera de uma solução do Governo, no sentido de amenizar seu sofrimento. O governador Canet Junior, após sobrevoar a região, (...) disse a imprensa que “não sobrou um pé de café”, salientando ainda que a situação é caótica, pois “todos os cafezais do Paraná foram arrasados pelas geadas”.

³ Quando a depoente diz Barbacena, Tucambira e Água limpa ela se refere às fazendas grandes do município.
⁴ Fazendas que empregavam várias famílias.

Observa-se nas matérias de Jornais que a geada de 1975 era esperada, porém não na intensidade em que aconteceu. Benjamim (2010, p. 36) apresenta em seus estudos que “(...) esta ou aquela trama do destino poderem estar diretamente debaixo dos nossos olhos”. Percebe-se que essa trama do destino a qual Benjamim se refere aconteceu com os camponeses trabalhadores da lavoura do café: quando a lavoura estava em seu apogeu, veio a geada e praticamente a erradicou em São Pedro do Ivaí e no Paraná. É o que ressalta João Milanez.

[...] No Paraná a produção será praticamente nula. A safra de 77/78 ainda ficará seriamente comprometida pelos efeitos da geada. Para a safra 78/79 a produção deverá ser quase normal, ficando, no entanto, na dependência da aplicação eficiente da recuperação dos cafezais atingidos (FOLHA DE LONDRINA, 1975, p. 01).

Verifica-se em periódicos que noticiaram sobre o dia 18 de Julho de 1975 a intensidade da Geada, conhecida por muitos como a geada negra⁵ que arrasou não somente os cafezais, mas todos os envolvidos direta e indiretamente com a lavoura (BONDARICK, 2008 s.p.).

De acordo com Sandra Pelegrini e João Paulo Rodrigues.

[...] No amanhecer de 18 de julho de 1975, uma das frentes frias mais intensas do século XX reduziu a zero a área cultivada com café no Estado do Paraná. Nos três dias da geada, as temperaturas mantiveram-se muito frias à noite e relativamente quentes durante o dia, além de um vento seco e constante. A sua relevância é tão importante, que ela pode ser considerada como um daqueles raros momentos em que um único fato é capaz de desencadear mudanças históricas (RODRIGUES e PELEGRINI, 2012, p. 04).

Observa-se acima que os três dias da geada negra causaram mudanças no cotidiano dos camponeses são-pedrenses. O episódio da geada do ano de 1975 é tida como uma “desgraça” ou até mesmo por uma “fatalidade”, (BENJAMIN, 2012, p. 38), devido aos prejuízos causados aos camponeses do município.

[...] Essa geada foi fenomenal, foi muito grande mesmo! Se não me falha a memória foi em 18 de julho, aquela foi de arrasar, acabar né, como diz o outro é que nem um pessoa que tá subindo uma escada e lá no ultimo dá um balanço e cai. Foi de arrasar! Todo mundo desarcosou com aquela geada! Foi um arroso! Foi tão grande que ela chegou gelar o chão, virou vidro o chão (DEPOENTE 2 - João Bonini).

⁵ Condição atmosférica que causa o congelamento interno da seiva da planta. Explicação dada por Roberto Bondarick (2008, s.p.).

O depoente relata com detalhes tudo o que foi vivenciado com a geada negra de 1975, como o chão ficou coberto de gelo e como eles sentiram-se punhos para baixo. Quando o depoente relatou esses fatos, percebia-se emoção em sua voz.

Vale a pena ressaltar que é possível contrapor os relatos orais com as fontes escritas (periódicos) e perceber como esse fenômeno da geada de 1975 marcou a vida desses cidadãos.

As alterações trazidas pela geada fizeram com que os trabalhadores buscassem novas lavouras para cultivar, ou seja, maneiras diversificadas para colaborar com as suas sobrevivências. Na formação do município aconteceu a corrida para o cultivo do café (RAINATO, 1999, p. 161) dessa maneira, o que fez com que os camponeses agissem com ignorância ou ingenuidade, esquecendo-se do fator clima que tem grande influencia sobre o cultivo do café. Observa-se, no entanto, que mesmo com o futuro dos camponeses sendo ambíguo (BENJAMIN, 2010, p. 54) naquele momento devido à situação que eles enfrentavam pelo transtorno que a geada os causara, eles não desanimaram.

No Paraná há registros de várias geadas que trouxeram prejuízos para a vida dos trabalhadores da lavoura de café, como a geada de 1963, 1964, 1968. Para Roberto Bondarick, a geada de 1975 pode ser classificada como a que mais trouxe modificações à vida da sociedade paranaense. Porém, há registros em jornais que, no ano de 1985, aconteceu mais uma geada na região de Ivaiporã que prejudicou as lavouras de trigo, feijão e café que discutiu-se nessa pesquisa (GILSON, JORNAL DO NORTE, 1985, p. 24). Várias geadas aconteceram no Paraná e de acordo aos depoimentos dos camponeses foram um forte fator para que esses indivíduos deixassem de cultivar a lavoura de café no município de São Pedro do Ivaí.

[...] então já tinha giado no 63 quando o café tava pra recomeça di novo outra giada a gente foi desanimado, além da giada o preço e a broca (doença do cafezal) que atacava o café. Sem o café o pessoal foi indo embora pra cidade, foi embora pra São Paulo, Campinas, Curitiba (DEPOENTE 4 – Alécio Bianchini).

Conforme este depoente, muitas famílias de São Pedro do Ivaí foram embora para grandes centros em busca de melhores condições de vida.

José Miguel Arias Neto (2007, p.11) demonstra que:

[...] Assim, restou aos ex-trabalhadores do café migrarem para outras regiões, as chamadas novas fronteiras agrícolas no Mato Grosso e em Rondônia; mas, a maioria se deslocou para as cidades paranaenses que não estavam preparadas para absorver um número tão grande de pessoas. O próximo passo foi analisar o trabalhador bôia-fria.[...] A partir da década de 60, um grande contingente de mão-de-obra rural foi liberada. O trabalhador passou a morar nas periferias das cidades trabalhando em atividades informais e também em serviços temporários na lavoura, atrelados pelas condições do tempo e do mercado (NETO 200, p.11)

Observa-se que o trabalhador da lavoura de café foi prejudicado com a erradicação da lavoura, pois conforme a citação a cima as cidades não estavam preparadas para receber esses indivíduos que acabaram tendo como alternativa morar nas periferias dos grandes centros.

Sendo assim, o depoente 4 relembrava as deceções que ele e sua família tiveram com o café e, conforme sua fala, quando o café começava a se recuperar ocorria outra geada e matava o cafezal. Além destas situações climáticas, as doenças que acometiam o café também foram desestimulando os trabalhadores.

[...] Olha antes da geada a gente já começou a roçar o café, ranca de enxadão e machado, eliminando o café, porque o café não tinha preço. Então os grandes viveu em cima dos agricultor do café, portanto que no Rio de Janeiro tem coisa feita lá . Foi lucro em cima do agricultor (DEPOENTE 4 – Alécio Bianchini).

Esse depoente rememora mais os pontos negativos da cafeicultura, ressaltando que até mesmo antes da geada eles já estavam eliminando os cafezais. Percebe-se assim que o depoente 4 e sua família não sofreram com os efeitos da geada de 1975. Pelo contrário, percebe-se que o fator climático impulsionou-os a tomar a decisão de mudar.

O depoente 3 rememora esse episódio com um certo pesar.

[...] Quando chegamos em 72 né?! Mexemos com o hortelã, depois que entremos plantando o café 73,75 e em 75 ainda veio a geada e matou tudo, nosso sítio era na estrada Jussara no km 9,. Em 74 e 75 compramô nos Dois Palmitos, na área dos Dois Palmitos era tudo café. No ano que nós compramos aquela geada de 75 e eu tive que cortar tudo o café e deixar brotar de novo, foi um ano bem difícil! (DEPOENTE 3 – Nelson Pegoraro).

O depoente 3 demonstra um sentimento de tristeza, pois logo no começo de sua vida no município como agricultores de café ocorreu a geada de 1975 que acabou com os cafezais. Analisando cada entre-

vista e contrapondo-as com os periódicos, vai se reconstruindo a história da geada do ano de 1975 e seus efeitos no município de São Pedro do Ivaí. Em 1977, algumas autoridades, como o Secretário da Agricultura Dr. Paulo Carneiro em sua vinda a Apucarana-PR, fizeram um apelo ao povo que voltasse a cultivar o café. “Mas, o que queremos mesmo dizer hoje é que se deve plantar café: É realmente o melhor negócio, agora e sempre” (ANIBAL, Álvaro TRIBUNA DA CIDADE, 1977, p. 5). Como verificado nas entrevistas, o povo do município de São Pedro não atendeu esse apelo do Secretário, com três dos entrevistados se queixando que era uma incerteza por conta do clima e pela desvalorização da lavoura.

Verificou-se que o episódio da geada negra de 1975 foi algo que limitou a ascensão de São Pedro do Ivaí. A população local em 1960 era de 23.000 habitantes, em 1970 esse número caiu para 19.388 habitantes e em 1980 foi para 10.451 habitantes (PREFEITURA MUNICIPAL, 1987 s.p.).

COMO O MUNICÍPIO DE SÃO PEDRO DO IVAÍ SE REESTRUTUROU APÓS O EVENTO DA GEADA DE 1975?

As análises das entrevistas e os documentos cedidos pela prefeitura demonstram como o município dependeu da cafeicultura em sua formação, econômica e socialmente. O depoente 2 rememora que não se comentava sobre o perdido com o café, segundo ele o povo de antigamente era diferente de hoje.

[...] naquele tempo o povo não era desanimado, o povo era muito animado! O sacrifício no dia a dia foi bastante! Mas o povo era tão animado que não contava com o perdido, sabe?! Perdeu tudo os cafezais, mais aonde você se encontrava um com ou outro esqueceu daquilo, esqueceu! Porque se nós fossemos lembrar nós ia ficar chorando a vida toda, porque dava vontade de chorar de ver o café do tamanho que tava, a lavoura do jeito que era e ver ele decepado na terra, você só via galho e mais nada! Não tinha uma folha de café verde. Foi sacrificoso! (DEPOENTE 2 – João Bonini).

O jeito era não desanimar tocar a vida adiante, começar de novo. Nesse sentido Benjamim nos apresenta que “começar de novo, a voltar ao princípio, a saber viver com pouco, a construir algo com esse pouco, sem olhar nem à esquerda e nem à direita era o que restava a essa gente” (BENJAMIN, 2012, p. 70).

No ano de 1976 chegou a ser realizado um estudo com duração de três anos para saber as condi-

ções do solo e do clima em várias regiões do Estado do Paraná, onde apontaria os produtos agrícolas mais viáveis a serem cultivados (OLIVEIRA, JORNAL TRIBUNA DA CIDADE 1976, p. 1).

“[...] Antes da geada nois já tava eliminando os cafezais. Pegamô a lavoura branca, no começo, começamô a planta a soja, a soja valia quase que duas saca de café, era mais rendável” (DEPOENTE 4). Nessa entrevista com o depoente 4, percebe-se a diferença de relato com o depoente 2, pois o primeiro relata que o trabalho no café era muito difícil e mesmo antes da geada eles estavam desanimando com a lavoura devido há variações climáticas e tantas outras situações que não apresentavam, naquele momento, outra alternativa a esses trabalhadores. A maneira encontrada para superar as adversidades que a geada trouxe consistiu-se, conforme a citação acima demonstra, em cultivar as lavouras brancas.

[...] Olha antes da geada a gente já começou a roçar o café, ranca de enxadão e machado, eliminando o café, porque o café não tinha preço. Então os grandes viveu em cima dos agricultor do café, portanto que no Rio de Janeiro tem coisa feita lá. Foi lucro em cima do agricultor. Antes da geada nós já estava tomando providencia já, nois já tinha rancado 9.800 pés de café, antes da geada de 75. Depois da geada nós já continuamos cortando os cafezais e eliminamos o cafezais, começamos plantar a lavoura branca (DEPOENTE 4).

Observa-se que a geada era o que faltava para encorajar de vez a família do depoente 4 a eliminar a lavoura de café. Ao contrário do depoente 2 percebe-se na entrevista do depoente 4 que ele rememora o café, mas não com a paixão que o depoente 2 demonstra pela lavoura. De acordo com as entrevistas, os camponeses foram gradativamente alterando o cultivo da lavoura cafeeira para o cultivo da lavoura branca, que segundo eles tem a vantagem de safras menores. Alguns anos antes da geada conforme José Miguel Arias Neto (2007, p. 3) O governo estadual incentivou os produtores da lavoura de café a deixarem de cultivar a lavoura.

Neto afirma (2007, p.10):

[...] Paralelo a esses problemas, os proprietários também estavam descontentes com a política cambial adotada pelo governo federal a partir de 1951. Alegavam que o governo se apropriava de grande parte da renda obtida com a venda do café para exportação. A implantação do Estatuto do Trabalhador Rural em 1963, também contribuiu no processo de erradicação da cafeicultura (NETO 2007, p. 10).

Dentro desse contexto de mudanças, o município buscou, através de um grupo de pessoas, a ins-

talação de uma destilaria de álcool, onde a intenção inicial era apresentar uma alternativa para os moradores, haja vista que após a geada uma grande parcela da população se mudou para os grandes centros (PREFEITURA MUNICIPAL, 1987, s.p.).

No ano de 1977, no levantamento de culturas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no município, o café aparece com uma produção bem menor do que antes da geada. Este fato confirma-se através dos depoentes que afirmam que a geada foi o grande fator para a diminuição do cultivo da lavoura cafeeira, prejudicando a produção da lavoura em grande escala. Em 1979 realizou-se mais um levantamento no município, onde a lavoura do café já não fazia parte do quadro de estimativas agrícolas de São Pedro do Ivaí (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1979, p. 02). Para Pedro Gilson, “É impossível ao Departamento de Economia Rural, da Secretaria da Agricultura, prestar informações corretas sobre danos causados à lavoura do café por fenômenos climáticos” (GILSON, Jornal Tribuna do Norte, 1985, p. 21).

Não contrariando essa informação do “Jornal Tribuna do Norte”, verificou-se que havia essa dificuldade em relação às informações sobre os danos causados pela geada de 1975 aos cafezais. Mesmo com essas dificuldades, uma quantidade pequena de camponeses de São Pedro do Ivaí continuaram a cultivar a lavoura e o Sr. Alécio cita os nomes desses indivíduos na entrevista realizada com ele em sua residência. Esse comportamento de alguns trabalhadores, em persistirem em algo considerado por eles próprios como trabalhoso e frágil às condições climáticas (café), nos faz pensar que a questão está embutida nos camponeses, que trazem o sentimento de passarem o cultivo desta lavoura para os seus descendentes, da mesma maneira que receberam esse aprendizado de seus pais como se assim preservassem o cultivo da lavoura cafeeira. “(...) eu conheço aqui o Seu João Bonini, o seu Dalvo, Celso Bonini, o João Bonini sobrinho também planta uma lavourinha nova, é poco, mas tá plantano né! Porque a terra é poca, então planta o café pra ajuda né” (DEPOENTE 4).

De acordo com o depoente 4, esses trabalhadores plantam o café principalmente para o consumo próprio e para complementar as terras, que segundo ele são poucas. No caso do depoente 2, ele nos relata que se fosse mais novo continuaria a cultivar a lavoura. Ele se considera grato a ela, pois foi graças ao café que ele e sua família conseguiram adquirir as terras. E foi devido a essa lavoura que sua família iniciou suas

vidas no município, “(...) eu digo é uma ótima lavoura, se eu fosse mais novo eu plantava o café e não cortava, né?! Porque o que me deu o que eu tenho foi o café” (DEPOENTE 2). Ao analisar a memória dos pioneiros do município observa-se que, mesmo com alguns não se conhecendo, as falas dos depoentes estão ligadas e esses indivíduos relembram e colaboram para a construção da história de São Pedro do Ivaí. Hartog considera este fenômeno: (...) a análise das memórias coletivas pode e deve tornar-se a ponta da lança de uma história que se pretende contemporânea (HARTOG, 2013, p. 158). O depoente 3 deixou de cultivar a lavoura do café desde 1985.

[...] nós larguemos do café em 85 porque o preço era ruim, não compensava. Fizemos o acerto com os empregados. Arrenquemos na parte mais ruim da fazenda plantemos capim colonhão e até hoje temos o gado. No meio do café nós plantava feijão. Sei que nós sofremos um pouco naquele ano da geada (DEPOENTE 3).

Mesmo que os trabalhadores tenham deixado de cultivar a lavoura, verificou-se através dos depoentes que esta contribuiu para a formação deste pequeno município de São Pedro do Ivaí.

O município de São Pedro do Ivaí hoje conta com a diversificação de lavouras brancas, mas predomina no município a cana-de-açúcar que emprega pessoas da localidade e região. Conforme registros da Prefeitura Municipal a Usina foi instalada em 1982 em uma tentativa de diminuir o número de habitantes que, com o fim do cultivo da lavoura cafeeira, seguiam rumo a grandes cidades em busca de melhora de vida e de sobrevivência (PREFEITURA MUNICIPAL, 1987, s.p.). Pode-se dizer que os trabalhadores do município passaram por um processo de transformação (BENJAMIN, 2010, p. 106).

CONSIDERAÇÕES

Percebeu-se, com o desenvolvimento da pesquisa sobre os efeitos da Gead Negra para os trabalhadores de café de São Pedro do Ivaí, que a extinção dos cafezais após o fenômeno de 1975 foi algo que prejudicou o crescimento econômico e populacional do município, pois, conforme verificado, o cultivo da lavoura cafeeira exigia o emprego de um grande número de trabalhadores. Com o fim dos cafezais muitos dos moradores não viram alternativa senão procurar os grandes centros para a manutenção de suas famílias. Mas é de suma importância registrar

que o município surgiu no auge da lavoura e conforme estudado, o café prometia ser uma alavanca para o crescimento da localidade, já que no norte e oeste do Paraná a lavoura era cultivada como uma grande promessa econômica. A geada de 1975 foi algo que marcou a história dos são-pedrenses e será lembrada por alguns como a vilã e por outros como um trampolim para a mudança de vida dos camponeses do município. Com o desenvolvimento do trabalho percebeu-se que alguns dos depoentes expressam, mesmo depois de tantos anos, certa “paixão” pelo café.

No desenvolvimento da pesquisa pôde-se observar o quanto lidar com a lavoura era sacrificante para as famílias, sendo o café sensível ao clima e também precisar de muitos cuidados por um longo prazo para que os camponeses pudessem lucrar com o cultivo. Como diria Certeau em Invenção do Cotidiano, a geada foi algo que proporcionou a esse povo uma reinvenção do seu cotidiano. O depoente 2 impressiona, pois em sua propriedade há cafezais com mais de 60 anos e o desenvolvimento dessa pesquisa nos leva a olhar com outros olhos para a história local, para a história de São Pedro do Ivaí. O café está embutido na cultura do município. Em torno da cultura cafeeira montou-se um modo de vida bastante peculiar onde todos os depoentes em algum momento o rememoram com certo saudosismo. No entanto, pode-se concluir que o fenômeno da geada antecipou e intensificou a mudança na matriz econômica do município, e principalmente no modo de vida da maior parte da população.

FONTES ORAIS

ANDRADE, Maria da Anatividade. Aposentada. 83 anos. Entrevista Concedida a Eliane Aparecida Miranda. São Pedro do Ivaí, 30 de março de 2014.

BIANCHINI, Alécio. Trabalhador Rural. 59 anos. Entrevista Concedida a Eliane Aparecida Miranda. São Pedro do Ivaí, 30 de março de 2014.

BONINI, JOÃO. Aposentado. 78 anos. Entrevista Concedida a Eliane Aparecida Miranda. São Pedro do Ivaí, 01 de maio de 2014.

PEGORARO, Nelson. Aposentado. 73 anos. Entrevista Concedida a Eliane Aparecida Miranda. São Pedro do Ivaí, 21 de julho de 2014.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIM, Walter. **O anjo da História**. Tradução João Barreto. Belo Horizonte- MG. Autentica. 2010, p.1-248.
- BONDARICK, Roberto. **Geada negra de 1975-Erradicação da Cafeicultura Paranaense**. 2008. Disponível em <http://robertobondarik.blogspot.com.br/2008/07/geada-negra-de-1975-erradicao-da.html> Acesso em 16 Nov. 2013.
- BOSI, Éclea. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. 17ª Edição. São Paulo. Schwarcz. 2012, p. 11-485.
- CERRI, Luiz Fernando. **Temas e Questões para o Ensino de História no Paraná** Eduel. Londrina- PR, 2013, p. 9-40.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano**. 3ª Edição. Petrópolis-SP. Vozes. 1998, p. 1-176.
- DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**. 4ª Edição. São Paulo- SP. 2009, p. 118-202.
- FRAGASO, Mário. **Cafeicultura ia mesmo acabar, diz historiadora**. O diário do norte do Paraná. Maringá. Paraná. 17. Jul. 2005. Disponível HARTOG, François. Regimes de Historicidade. Presentismo e Experiências do Tempo. Belo Horizonte. Edit. Autentica, 2013, p. 102-260.
- GILSON, Pedro. Jornal do Norte. Ed. 19. **Café Previsões corretas da safra só em Dezembro**. 1985, p. 21.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte- MG. 2003, p.1-30.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRÁFIA E ESTATÍSTICA. 1975.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRÁFIA E ESTATÍSTICA. 2010. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_parana.pdf. Acesso em 10 Set. 2014.
- LAVERDI, Robson. Et.al. **História Oral, Desigualdades e Diferenças**. Recife. Edit. Universitária, 2012, p. 15- 333.
- MILANEZ, João. **Folha de Londrina**. Calazans faz correção sobre previsão de safra. Ano 28/n. 7045. Londrina, Pr.24 Jul. 1975, p. 01.
- MILANEZ, João. **Folha de Londrina**. Calazans faz correção sobre previsão de safra. Ano 28/n. 7042. Londrina, Pr.20 Jul. 1975, p. 04.
- NETO, José Miguel Arias. **O Trabalho na Cafeicultura Paranaense: Representação e Prática Social**. Londrina, Pr. 2007, p. 1-14.
- OLIVEIRA, Baltazar. **Jornal Tribuna da Cidade**. O jornal do Vale. Apucarana, Pr. 20. Jul.1975. Ano V. n.228, p.20.
- OLIVEIRA, Semí Cavalcante. **Importância do Café**. Curitiba-Pr. 2009, p.1-8.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PEDRO DO IVAÍ. 1970,1987, s.p.
- PROJETO HISTÓRIA. **História e Imprensa**. São Paulo. Dez. 2007, p. 1-60.
- RAINATO, Luiz Gonzaga. **A história do nosso município**. [S.l.:s.n.] 1997, 9-161.
- RODRIGUES, João Paulo; PELEGRINI, Sandra C.A.L. **Memória e história. Os dissabores da Geada negra em Ivatuba- Paraná**. Disponível em <http://www.mbp.uem.br/cim/pages/arquivos/anais/TS5/TS5-11.pdf>. Acesso em 20 Ago.2013.
- ZICMAN. Renée Barata. **História Através da Imprensa- Algumas considerações metodológicas**. São Paulo. 1981, p.89-100.